

Uma solução terminal

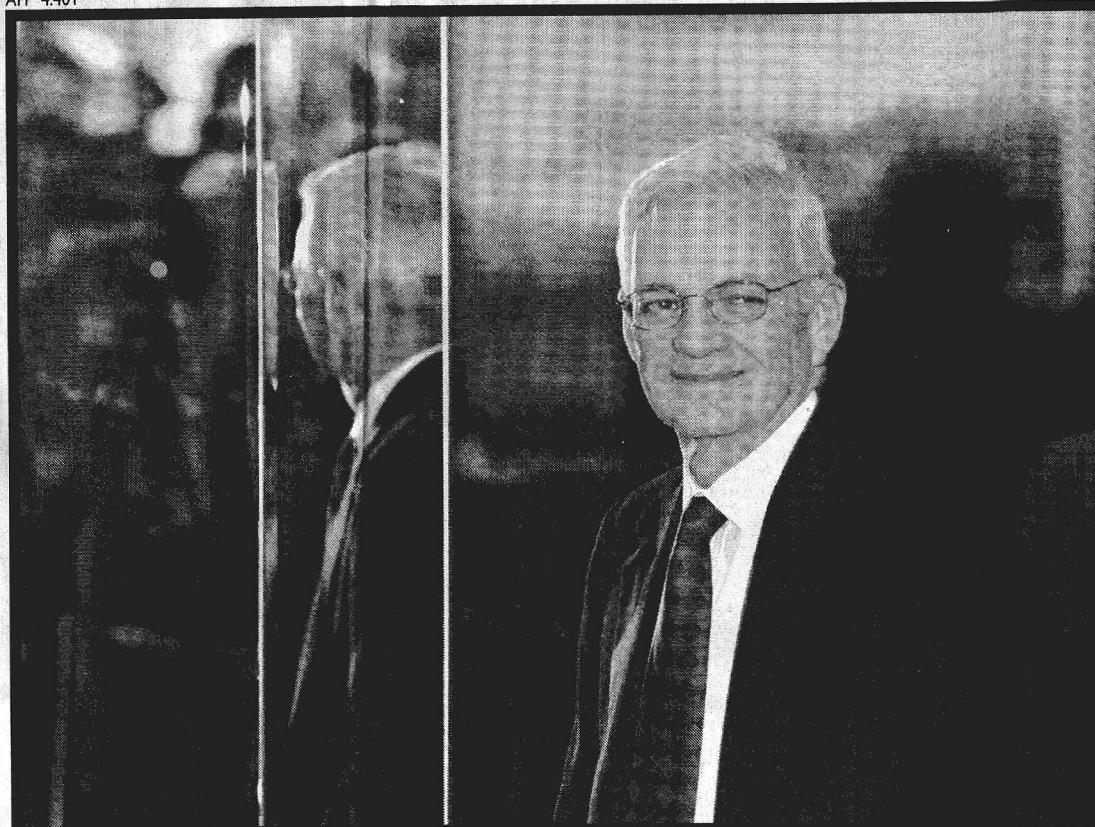
Ugo Braga e
Vicente Nunes
Da equipe do **Correio**

Em reuniões tensas ao longo da semana passada, economistas do governo começaram a discutir a hipótese de decretar a centralização cambial — medida em que fica proibida toda e qualquer remessa de dólares para o exterior, seja para pagar dívidas, importar bens e serviços, repassar lucros a matrizes. Nessas reuniões, o tema foi tratado sempre como a última alternativa disponível. Só sairá das gavetas do Banco Central se a escassez no mercado internacional deixar o Brasil absolutamente sem divisas para pagar as contas. Um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) automaticamente sepulta a idéia.

A centralização do câmbio funciona como um funil. O governo passa a decidir quem pode pagar o que no exterior. As contas CC-5, de pessoas não-residentes no Brasil, ficam impossibilitadas de movimentar recursos para fora do país, a não ser mediante autorização oficial. Os importadores também entram na fila. Compras com cartão de crédito internacional idem. Até mesmo o pagamento de dívidas contraídas no exterior por empresas privadas são submetidas às autoridades.

Mecanismos desse tipo, que dificultam a saída de capital externo, costumam provocar um efeito colateral devastador: como não tem como sair, o dinheiro pára de entrar. No caso do Brasil, isso significaria o fim das fontes de financiamento que ga-

95
AFP 4.401



O'NEILL: DECLARAÇÕES PROVOCARAM IRRITAÇÃO DE FERNANDO HENRIQUE, QUE AMEAÇA NÃO RECEBÊ-LO

rantiram os mais de US\$ 150 bilhões em investimentos produtivos recebidos pelo país nos últimos oito anos.

“Este governo pode ter que fazer a centralização por absoluta falta de dólares na praça”, analisa Carlos Thadeu de Freitas Gomes, professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec) e ex-diretor de Dívida Pública do BC. Para ele, não se trata de uma escolha. “Se a medida for tomada, será por falta de alternativa.”

O que está encostando o país

na parede é o risco crescente percebido pelos investidores estrangeiros. Não se trata de haver ou não motivos reais para o pânico em relação ao Brasil. O fato é que a crise argentina acirrou os ânimos lá fora ao mesmo tempo em que o candidato do governo cai pelas tabelas nas pesquisas de intenção de voto. Também não ajuda o fato de a dívida pública subir sem controle a cada repique do dólar. Tal elasticidade alimenta a idéia de que em algum momento o governo não conseguirá honrar seus compromissos.

Por consequência, quem tem dinheiro para emprestar no mercado mundial cobra juros extorsivos quando o tomador é brasileiro. Assim, as empresas nacionais não estão conseguindo rolar empréstimos no exterior. Também não há dólares em abundância no plano doméstico. Por enquanto, o estoque de divisas é suficiente para honrar os vencimentos. Mas teme-se que ele se esgote. E aí não haveria o que fazer além de segurar todos os pagamentos para quitar os mais importantes.